

O Espectro

ARTUR LEITÃO
Director político

PROPRIEDADE E EDIÇÃO DA "LVMEN"
Redacção e Administração: Rua do Mundo, 95, 3.º - LISBOA

F. VALENÇA
Director artistico

GERMANO pensa... no "Interior":



— Quando se chega a «Alcaide» — é que se dá pela falta que faz o «Burro»!...



Fruta do tempo

As palavras da sibila...

SEI, pela ensinativa experiência do officio, que nem sempre é possível à reportagem galopante do jornalismo contemporâneo reproduzir com inteira fidelidade aquilo que se diz neste nosso Parlamento, onde a loquela trasbordá e onde a eloquência raramente surge...

Sei quanto a lufa-lufa da publicidade deturpa, bastas vezes, não somente o que aos outros attribue, mas até mesmo o que nós próprios escrevemos. Sirvam de exemplos os meus insulsos artigos que não conseguem escapar — nunca! — ás mais inimagináveis deformações, não apenas quanto ao estilo, que é talhado à podóia, mas também relativamente à substância que tem sido mais hilarantemente atraçoada do que os maridos nas comédias francesas...

Em todo o caso, pelo facto de haver motivos para nos pormos de sobreaviso no que toca à exactidão e rigor das transcrições que as gazetas fazem da solemnia verba dos nossos estadistas, seria descambar num exagéro tão prejudicial como a boa-fé excessiva, a applicação aos extractos parlamentares dos jornais, do comentário com que Bocage fechou o sabidíssimo soneto: — É tudo péta...

Não há fumo sem fogo. Ora, no fogo de vistas que foi o discurso com que o sr. Antonio Maria da Silva respondeu, na madrugada de segunda-feira última, aos leaders parlamentares que apreciaram a constituição do Governo, encontro, entre outros effeitos pirotécnicos, esta frase que recolhi do conspícuo Diario de Noticias, e que é uma bomba de muito estrondo:

«O escudo valorizou-se em perto de 40 0/0, mas o preço da vida só desceu 7 0/0. Isto é uma indicação de que não convém prosseguir na politica da valorisação da moeda.»

Em qualquer país do mundo, onde, no desenrolar da vida pública, se atendesse mais à estrutura do que aos episódios da comédia politica, as palavras do sr. António Maria da Silva teriam posto a curiosidade nacional em labareda.

O Presidente do Ministerio haveria sido, desde logo, convidado a esclarecer e a desenvolver o propósito que se oculta, ou parece esconder-se, atrás daquele conceito, o qual certamente produziu nos especuladores da alta da libra a sensação blandiciosa dum tagaté, duma carícia...

Acaso vamos — só porque os industriais e os comerciantes na costumeira agradável dos preços elevados e os lucros gordos se não resolveram ainda a efectuar o abaixamento a que serão forçados, desde que a marcha da valorisação prosiga; — acaso vamos para a politica idiota da fixidez da divisa actual do cambio que é susceptivel, com algum geito e cuspo, de melhorar e subir gradativamente?

Ou iremos ainda, santa Barbara bemdita, para a politica de recuo dessa divisa?!

Ambas estas perguntas cabem, sem que se comprimam, dentro da afirmativa do Chefe do Governo. Estas e mais algumas...

O senhor Antonio Maria da Silva é, de ordinario, propositadamente, abstruso e vago nos seus dizeres. Tem um especial pendor para as frases sibilinas, que são pau para toda a colher. Desta vez, porém, o seu conceito foi nitido, concretíssimo: — geometrico como um cristal.

Mas esse cristal em que água mãe se gerou? De que antecedentes proveio? A que intenções obedece? Que intuitos preconisa?

Se o senhor Antonio Maria da Silva intentou, unicamente, uma réplica de efeito momentâneo, se fez apenas o que em calão de tauromaquia politica se chama um «quite», não resultará, de tais palavras, nenhum mal para o País, nem accrescidos ficarão, supponho eu, os créditos de invulgar sagacidade que sua excelencia disfruta. A gente já se habituou a ouvir ao senhor Antonio Maria da Silva as mais ensilveiradas opiniões. Ainda ha pouco, ao dar o seu parecer, por intermedio do Diario de Lisboa, relativamente ao significado que deve extrair-se do ultimo Congresso do Partido Republicano Português, perorou assim, cofiando o mento: — A nossa orientação terá de ser radical, mas de passos moderados... O que,

traduzido em miúdos, equivale a dizer que o Partido Republicano Português caminhará em automoveis de corridas, mas... atrelado a um carro de bois.

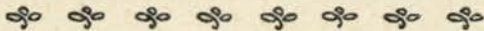
A gente já se habituou aos brocados de dupla face que o senhor Antonio Maria da Silva expende. Todavia, desta feita o caso é sério, é grave, é graverrimo, é de pôr em pé não só os rara penugem da careca do senhor doutor Alvaro de Castro, mas as próprias ramadas pendentes dum chorão.

Ponha o caso a nu, — senhor Presidente do Ministerio!

Dispa a sua ideia, — se alguma ideia teve.

Post-scriptum: Lá por causa do confronto com um cristal, não imagine que me contradigo quando lhe peço que desvende a sua opinião a respeito da politica dos cambios. Haeckel escreveu que os cristais, embora sejam formados por geometricos lineamentos, constituem um dos mais interessantes mistérios da natureza. Verdade seja que o veneravel sábio esteve sempre muito longe, muitissimo longe, de poder alcançar-se a presidente dum ministerio portuguez.

A. L.



Calhariz — Agua de Flôr

A incerteza em que vagamos
Mete a gente no inferno!...
Afinal em que ficamos:
Cai ou não cai o governo?

E' que o Santos não apoia,
Nem apoia a bela Acção
E, co'esperteza saloia,
O Domingos tambem não.

Não apoia Pedro Pita,
Nem Rocha, nem Ginestal,
Mas alguém receia fita
Do nosso Cunha Leal.

E d'ahi resultaria
Por sugestão do Camacho,
Que a opposição não seria
Daquelas de *bota-a-baixo*.

Mas então falta harmonia,
P'ra os lados do Calhariz?
Sempre a uns causa arrelia
O que algum dos outros diz?

Afinal é sintomatico
Vêr agora o Calhariz,
Numa attitude infeliz
A fingir de Democratico.

Guerra Junqueiro

Fez ha pouco dois anos que morreu Guerra Junqueiro. O Espectro reco-lhe piedosamente a sua feição humoristica perante a memoria do gigante que a morte derrubou.

Como quando tomba o roble colossal e frondoso que dominava a floresta, fez se uma clareira enorme, uma clareira tão grande, que nem a luz rutilante do sol, se divisam os pigmeus que vegetavam a sua sombra.



Qualidade de voto?

A moção de desconfiança ao governo foi regeitada por um voto.

Na sessão, em que foi votada, esteve presente, o que raras vezes succede e votou a favor do governo o deputado sr. Ventura Malheiro Reimão, que tem pendente uma sindicancia sôbre a sua acção na Exposição do Rio de Janeiro.

Seria este o voto que deu a fraca vitória ao governo? Venceria o governo, por ventura, por Malheiro ou pelo Reimão?

Era bom saber-se!

Café Tavares

TODOS OS DIAS:

ALMOÇOS

E

JANTARES CONCERTOS

Salas reservadas para banquetes

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Serviço regular entre a M-tropole e a Africa Ocidental e Oriental Portuguesa

Saidas de Lisboa em 1 de cada mês para os portos de Africa Ocidental e Oriental

Saidas de Lisboa em 15 de cada mês para todos os portos da Africa Ocidental

Saidas extraordinárias de Lisboa e portos do norte da Europa para a Africa, unicamente para carga

**FROTA DA COMPANHIA
PAQUETES**

«Nyassa».....	8965 Ton.	«Luabo».....	1385 Ton.	} serv. de cabotag.
«Angola».....	8305 »	«Chiuden».....	1382 »	
«Our. Marquese»..	6355 »	«Manica».....	1116 »	
«Moçambique»....	5771 »	«Bolama».....	985 »	
«Africa».....	5491 »	«Ibo».....	884 »	
«Pedro Gomes»...	5471 »	«Ambrizo».....	858 »	

VAPORES DE CARGA

«Cubango», 8300 ton. — «S Tomé», 6350 ton. — «Cabo Verde», 6200 ton.
«Dondo», 6000 ton — «Congo», 5080 ton.

REBOCADORES NO TEJO

«Tejo», «Cabiçada» e «Congo»

Todos os vapores desta Companhia têm frigoríficos, luz electrica, excellentes acomodações e todos os modernos requisitos de navegação, proporcionando aos Srs. Passageiros viagens rápidas e comodas.

Escritórios da Companhia: **Lisboa:—Rua do Comércio, 85.**
Porto:—R. da Nova Alfandega, 34.

ANVERS, Eife & C^o, Quaisvan Dyck, 10.—HAMBURGO,
Agentes:—E. Th. Lind, Alsterdamm 39 Europahaus.—ROTTERDAM,
H. Van Krieken, P O B 602.

Telefones:—P B N 2365 a 2370—Administração—Chefe do Expediente
—Informações—Tesouraria e Passagens—Comissariado e Ser-
viços Medicos—Engenheiros (Cais da Fundição)—Cais da Fundi-
ção—Depósito e Armazens.

GRANDE HOTEL UNIVERSAL

PEDRAS SALGADAS

ÊSTE grande e bem conhecido Hotel com todo o conforto e asseio, abriu no dia 1 de Julho a 30 de Setembro.

Proprietarios:—Florindo Rodrigues Garcia & C.^a—Gerente, o socio Rafael Cotto, a quem deve ser dirigida toda a correspondencia.

COUPONS

da DIVIDA EXTERNA PORTUGUESA,
BRASILEIROS,
ARGENTINOS, CHILENOS, ETC., ETC.
VENCIDOS E A VENCER

COMPRA

PANCADA, MORAES & C.^a

RUA AUGUSTA, 37 (Esquina R. de S. Julião)

Companhia de Diamantes de Portugal

(DIAMANG)

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

COM O CAPITAL DE ESC. 9.000.000\$00 (ouro)

Direito exclusivo de pesquisa e extracção de diamantes na Provincia de Angola, por concessão do respectivo Governo

Séde social: LISBOA, R. dos Fanqueiros, 12, 2.^o—Teleg.: DIAMANG

Escritórios em Bruxelas, Londres e Nova York

Presidente do Conselho de Administração
Banco Nacional Ultramarino

Presidente dos Grupos Estrangeiros
Mr. Jean Jadot

Administrador-delegado
Ernesto de Vilhena

REPRESENTAÇÃO E DIRECÇÃO TECNICA EM AFRICA

Representante
Ten. Coronel **Antonio Brandão de Mello**
Caixa Postal 347 — Teleg.: DIAMANG

Director tecnico
Mr. Gleen H. Newport
DUNDO

LOANDA

LUNDA

A "GALARIA"

III — MESTRE AFONSO

Neo-Garrett da Costa do Castelo.
Talentos. Olhos de loiça. Gentileza,
— Mas não de Adelaidinha ou de veje.

Para ser belo,
Usa a receita salutar de Goethe:
«Impregna a tua alma de beleza»

Prosa de mestre, versos esplendentes,
E esta coisa estranha, excepcional:
E' num país de eternos descontentes
— Um português que estima Portugal!

As viúvas, as casadas, as donzelas
Adquirem a doçura dos xaropes
Se o veem, das varandas ou janelas,
Sentem, no coração, lesto galopes
Que dão quebranto, mas não dão canseira...

E com ar sonso
E mais açucarado do que os drops,
Monologam assim, desta maneira:

Olha o Afonso
O Afonso Lopes, Lopes, Lopes, Lopes,
Lopes, Lopes, Lopes, Lopes, Vieira!

JACOB NO.





Uma estreia

ORA vejam lá os senhores se os antigos não tinham razão para acreditar que acima dos homens e dos deuses imperavam os fados. Cada um de nós vem para a vida com o seu destino traçado, e constantemente as circunstancias estão propiciando o nosso fadario.

Tomemos para exemplo o sr. Germano Martins. Este quasi illustre quasi homem publico tem atravessado a sua vida politica com uma caracteristica bem definida: ser prestavel aos seus correligionarios em geral, e ao sr. Afonso Costa sobre todas as coisas. Fazem-no ministro, desligam-no do pacto, sentam no nas cadeiras do poder, que são aqueles *fauteuils* que na Camara estão à frente dos taquígrafos, e na sua nova encarnação como se estreia o sr. Germano Martins?

Pedindo a palavra para dizer ao sr. Cunha Leal que transmitirá ao seu colega da guerra as considerações daquele deputado. Ainda e sempre a caracteristica fundamental: ser prestavel.

E digam lá que o destino não existe e que não ha razões para acreditar no fatalismo.

Irradiação

No seio agitado do partido democratico reina aquela paz de Varsovia que sempre distinguuiu aquela familia politica desde que o respectivo Chefe abalou para Paris, deixando o governo da casa nas mãos do filho mais velho e do mais novo.

Uma das questões que agora se debate é a da irradiação dos deputados que votaram contra o Governo, quando da sua apresentação ao parlamento. «Que hão-de ir para a rua!» — clamam os silvistas. «Que isso é que nós veremos!» — desafiam os dominguistas.

Se tornarem a razão do voto contra o governo extensiva a outros ministérios democraticos, então o melhor será liquidar o partido e fazer leilão dos valores que por lá se encontrem, porque uns e outros se tem feito mutuamente a mesma picardia, como se prova, nos ultimos tempos, com a queda dos governos Rodrigues Gaspar, José Domingues dos Santos e Victorino Guimarães, derrubados com votos democraticos.

E se entenderem que não devem liquidar o partido, por causa dos pergaminhos, do estandarte, do programa, etc., então mudem-lhes o rotulo para P. R. G. P. P. — ou seja Partido Republicano dos Grilos do Padre Patagonia, unicos animais da criação que gosam o privilegio de mutuamente se devorarem.

Olivença

HA para aí um sujeitinho de barbicha e oculos, que se dá ares de remexedor de antiguidades historicas e literarias e que, não podendo resignar-se a viver no casulo de obscuridade que a sua insignificancia lhe tece, constantemente procura ensejos para deitar de fóra a ponta do nariz. É um tal senhor Fidelino Figueirêdo ou cousa que o valha, que quando chefiou o gabinete do ministro da Instrução, dr. Alfredo de Magalhães, arrancou a ferros um decreto considerando graduados em bachareis os antigos diplomados pelo Curso Superior de Letras, só para se poder dar o prazer de anteceder o seu nome com um «doutor», bastante retroactivo.

Pois este bichinho das letras, para se fazer lembrado, lembrou-se de, num jornal de Madrid, atacar o livro que Matos Sequeira e Rocha Junior escreveram a proposito de Olivença e Alberto Souza primorosamente illustrou.

Calcule-se com que patriotismo, tratando-se dum periodico espanhol, o homenzinho versou o assunto.

É evidente que, nem todas as vozes chegando ao ceu, o caso não teria uma grande importancia se não fóra a qualidade de professor que atribuiram ao fulano em questão e de que pode resultar que a criatura, só pelo prazer de se tornar notado, desate a ensinar tudo ao contrario: — se é que ele é capaz de ensinar alguma coisa a alguém.

Partidos

EM Inglaterra, o Partido Trabalhista adquiriu um vasto terreno por muitos milhares de libras, a fim de nele erguer um grande edificio para comícios de propaganda.

É um exemplo que nos permitimos recomendar aos nossos partidos politicos. Adquira tambem cada um deles a sua porção de terreno, erga-lhe em volta uma altissima muralha, meta-se lá dentro e não saia de lá enquanto o país não estiver em bom caminho e os correligionarios não estiverem de acordo.

É claro que este terreno a adquirir não pode ser o chamado «terreno dos principios», donde foge toda a gente.

O MELRO.

JARRÔE, S...

*Pesa cento e quarenta e cinco quilos,
Tem um metro e noventa de estatura
E fita que lhe dê volta á cintura
Tem dez palmos ao certo,—vi medi-los.*

*Portanto, como homem, não é grande
E' simplesmente enorme, é um colosso,
Uma móle de carne, pele e osso
Que respire, que fale, coma e ande.*

*Pois apesar dos numeros brutais
Que representa em peso este senhor,
O talento que mostra como actor,
Posto numa balança, pesa mais!*

*O Amigo de Peniche é um modelo;
Conde-Barão, ninguem o faz melhor;
O seu Leão da Estrêla é um «record»
Como dirão vocencias, indo vê-lo.*

*Ancias de Genio a alma lhe consómem
Emquanto o corpo mais se alastra e expande,
Passa na vida como um homem grande
Entra na Historia como—um grande homem.*

JOÃO RATÃO.

Não vale a pena...

O escudo valorizou-se de 40 0/0, mas o custo da vida não melhorou coisa que se visse. Portanto não vale a pena fazer a melhoria cambial. Isto afirmou o chefe do governo, no dia da apresentação do seu ministério ao Parlamento. Aplicando *el cuento*, como o voto que obteve o sr. Antonio Maria da Silva também não é coisa que se veja, não vale a pena continuar no poder. Pois não é assim?



Ch. P.

(Inaugura no POLITEAMA a epoca de verão.)

Requerimento (*)

O abaixo assinado e assinalado
Varão do movimento revoltoso,
Em 18 de abril efectuado,
Cidadão respeitoso
E militar fiel, disciplinado,
Que foi para a Rotunda,
Para salvar a Patria desgraçada,
C'o a comoção mais nobre e mais profunda
E co'a alma transida, alanceada,
Mui respeitadamente
Requer a Vosselência,
Sem que isto signifique certamente
O mais leve sintoma de demencia,
Ou sequer o Juizo perturbado,
P'ra ser Crucificado!

RAUL ESTEVES.

(*) Conforme Carta, publicada no *Seculo* de 11 do corrente.

AS PALMEIRAS DESAPARECEM ?

(Proposta dum vereador, para que a Capital não pareça uma cidade africana)



— Que pensará fazer a Camara a outros exemplares coloniais que por aí abundam? . . .

Usos e Abusos...



A AMA:— Na sua idade, senhor Prior... e o sexto mandamento?...

Juizo do ano... economico

Os anos civis, os anos á paisana ou como quem diz — salvo seja! — os anos de toda a gente começam no 1.º de Janeiro e seguem até 31 de Dezembro sem inconveniente de maior. Mas o Estado, que não é como toda a gente, decidiu que o seu ano começaria em 1 de Julho e findaria em 30 de Junho, chamando-lhe, para disfarçar os tradicionais esbanjamentos, o «ano economico».

Ora aqui ha dias, estando a considerar nesta fantasia do Estado, surgiu-nos esta interrogação: Porque é que os anos vulgares hão de ter o seu juizo, saragoçanado em qualquer Borda d'Agua e o ano economico, que mais que nenhum outro precisa de juizo, não o ha de ter?»

E mais considerando que este ano economico, ha pouco nascido, até tivera, com o advento do ministerio silvista, o seu dia de Ano Bon... zo, decidimos ir consultar uma vidente espirita, que por dez escudos revela a qualquer curioso o passado, o presente e o futuro mais ou menos perfeito da gramatica da vida.

— Sr.^a D. Vidente! — começámos, esportulados os dez escudos. — Como vê V. Ex.^a o futuro do ano economico?

A pitonisa, fixando a gaiola do canario que estava pendurada entre as bambinelas, profetisou com uma voz longinqua, que, francamente, não valha os dez escudos:

— Vejo tudo em duodecimos!

— Perdão, mas o sr. Antonio Maria da Silva diz que os orçamentos...

— O Silva, sim!... Estou a vê-lo, com os duodecimos na mão, a apregoar: «Quem me acaba o resto?...»

— E os funcionarios publicos, como serão tratados?

— Optimamente!... Os do Congresso passarão a ter direito a almôço, jantar e ceia, orgia a que se dará o nome de festim de Baltazar... Teixeira...

— E os dos correios?

— Esses, para aguentarem os ultimos aumentos, terão de criar uma nova receita, inventando a taxa de saliva...

— Que vem a ser?...?

— ...que vem a ser um aumento de dez por cento em todas as estampilhas, as quais passarão a ser fornecidas ao publico já lambidas.

— Boa ideia!

— Mas impraticavel emquanto o pessoal maior e o menor não estiverem de acôrdo sobre qual das categorias é que deve dar cuspo na goma das franquias.

— Adiante! E os militares?

— Esses receberão mensalmente uma nova subvenção...

— Ah, sim?!

— Sim, senhor. Passam a receber, com o soldo, todos os meses, um resumo das batalhas em que os portugueses levaram a melhor, adubado com versos dos «Lusiadas»:

Para remir-vos braço ás armas feito... e outros incitamentos heroicos. Se depois disto não houver quem queira ser major a dezoito vintens por dia, é porque não ha patriotas.



— Bem pensado! E o nosso doutor, não se decidirá, durante este ano economico, a assumir a salvação do paiz?

A vidente tem um momento de evidente atrapalhão:

— Espere... espere... O nosso doutor... o dr... Afonso... Mal o vejo...

— E' dêsse mal que muitos se queixam!

— Não, não virá!... Lá está em Paris, entregue ao seu sport favorito...

— O box?

— Não... Lá continúa, com os olhos postos no país, a levantar o nome português...

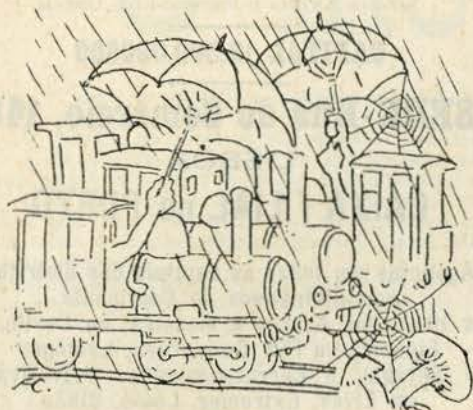
— Já é preciso ter força!... E sôbre novas receitas?

— Vejo formidaveis planos. O Cunha Leal teve em estudo um projecto de lei, colectando os autoclismos e o Alvaro de Castro, considerando que ha muito mais gente que deixa de comprar do que a que compra, vai propor a criação dum imposto chamado de «não transacção» que deve produzir uma dinheirama louca.

— E as repatações?

— Isso é coisa em que ninguem repara. Virão mais algumas máquinas para o Sul e Sueste, mas

ficarão á chuva, a deteriorar-se, que é para mostrarmos á Alemanha que não precisamos nada dela.



— Nós não queremos tirar os dez escudos a limpo, mas só mais uma pergunta: a respeito de cambios?

A respeitavel profetisa levantou-se bruscamente da cadeira, onde estava em sono hipnotico e saindo com modos sacudidos, atirou com a porta, exclamando:

— Libra!

Que quereria dizer a perspicaz vidente? Que teriamos a libra a pataco o par? Que só o agio da libra nos poderia responder? E já pensavamos na Esfinge, que só falava por enigmas, quando uma criada, que nos veio despedir, nos esclareceu a misteriosa exclamação: era que a *madame* vidente, apesar de se anunciar nos jornais com um nome russo enxertado em francês, era naturalissima de Viana do Castelo e a sua apóstrofe queria dizer simplesmente, em autentico calão lisboeta:

— Livra!

P. NAMÔNA.



A FÉ

Na madrugada historica da votação da moção Sá Cardoso (e dizemos historica, porque tudo aquilo foi uma grande historia) viu-se o sr. Antonio Maria da Silva voltar ao hemicycle a agradecer o numero voto de confiança com que a Camara tinha honrado o novo governo.

O chefe do governo armou um d'aqueles discursos em que é fertil, esmaltado de afirmações de principios, que são sempre o mesmo de frente, de costas e de perfil e, como é da praxe, por mais duma vez afirmou que o governo estava cheio de fé nos destinos da Republica.

Um espectador da galeria, entre dois bocejos, comentou ao ouvido do vizinho:

— Como não ha-de ter fé um governo de... voto!

MAXIM'S

(CLUB DOS RESTAURADORES)

43, PRAÇA DOS RESTAURADORES — LISBOA
(ANTIGO PALACIO FOZ)

O MELHOR
E MAIS BEM FREQUENTADO
CLUB DA CAPITAL.

MAGNIFICOS SALÕES
E
MONUMENTAL ARQUITECTURA

SERVIÇO PERMANENTE DE RESTAURANT:
À CARTA E MESA REDONDA

RESTAURANT UNICO NO GENERO
"DANCING"

COM UMA ESPLENDIDA
ORQUESTRA DE JAZZ-BAND

ABERTO — DESDE AS 15 HORAS — TODA A NOITE



ALHAMBRA

Parque MAYER — Av. Liberdade
CABARÉ — DANCING — VARIÉDADES
A Loucura do Prazer

Frequentado pelas mais formosas
mulheres de Lisboa

Todas as noites:

JAZZ-BAND

Gabinetes reservados

Aberto toda a noite

Espectaculos no genero de Folies Bergère de Paris
Cuisine et Cave de tout Premier Ordre

PAPEIS DE FUMAR

ZIG-ZAG

Os melhores papeis do mundo

Double — Simples — Alcatrão

— Ramsés — Ambrée

Ponta Dourada

Acabam de chegar

PREÇOS OS MESMOS

Pedidos á

CASA HAVANEZA

124, RUA GARRETT, 124

LISBOA

BANCO DE PORTUGAL

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

CAPITAL 13:500.000\$00

SÉDE - Rua do Comercio, 148

LISBOA

CAIXA FILIAL no PORTO

Agencias em todas as capitais dos distritos administrativos do Continente e Ilhas dos Açores e Madeira, na Covilhã, Figueira da Foz, Guimarães, Lamégo, e Setubal, e Correspondencias Privativas em Elvas, Extremoz, Loulé, Olhão e Vila Nova de Portimão.

Correspondentes nas principais terras do País e mais importantes praças do Estrangeiro

OPERAÇÕES: — Descontos, transferências, empréstimos e créditos em conta corrente, compra e venda de cambiais, cartas de crédito sobre praças estrangeiras, depósitos de dinheiro e valores, e todas as transações que pela natureza especial da sua instituição lhe são permitidas.

Companhia de Moçambique

Governo do Territorio do Manica e Sofala

SÉDE-L. da Biblioteca Publica, 10-LISBOA

COMITÉ DE LONDRES

COMITÉ DE PARIS

Thames House — Queen Street Place - 17, Boulevard Haussman

LONDON, E. C.

PARIS

Movimento Comercial em 1923

Importação ...	4.374.373\$00	Esc. ouro
Exportação ..	6.560.358\$00	» »
Reexportação .	21.331.648\$00	» »
Baldeação ...	6.145.418\$00	» »
Trânsito	9.999.619\$00	» »
Cabotagem ...	2.201.151\$00	» »
Total ..	50.612.567\$00	» »

BIGNAN

TYPO 2 LITROS

Chassis curto e comprido

DETENTOR DURANTE
8 MEZES DO RECORD
DO MUNDO 24 HORAS
MEDIA 124 K.¹⁰⁰⁰ Á HORA

Representante

Guilherme Pereira de Carvalho J.^{or}

Unico agente para Portugal e Colonias

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 13, 3.^o

PORTUGAL

LISBOA

TELEFONE: N. 2914

O morto-vivo

O Crespo era revisor dos Caminhos de Ferro numa linha da provincia. Uma vez, numa aldeola do percurso, o tio Anastácio sucumbira ao peso dos seus 80 invernos, depois de ter feito prometer solenemente ao sobrinho que o seu corpo seria inhumado no cemitério da vila natal, a algumas horas apenas de viagem. Agora, que o tio Anastácio estava morto, Crespo coçava melancólico atrás da orelha, arrependido de ter feito tão leviana promessa.

Efectivamente, transportar um cadáver em caminho de ferro é luxo que nem todos os defuntos se podem permitir. Os mortos, exigindo embora muito menos comodidades que os vivos, pagam os seus bilhetes a pêso de ouro. Era preciso um *fourgon* especial e as companhias, ao elaborar as suas tarifas, tinham sabido explorar hábilmente a piedade das famílias enlutadas.

Crespo retorcia o bigode, indeciso, procurando mentalmente uma saída. Já nos últimos anos de vida o tio Anastácio lhe custava largos sacrificios, porque dos seus magros vencimentos nunca o generoso sobrinho se esquecera de mandar-lhe uma parcela para que lhe não faltasse o tabaco quotidiano nem o tradicional copinho de aguardente todas as manhãs. Raio de sorte! E por último, aquela mania de ser enterrado na vila natal, como se o pobre corpo encarquilhado não fosse indiferentemente, aqui ou ali, a mesma parca refeição dos vermes...

— Não, pensava o Crespo, afagando o queixo. Tio Anastácio, tem paciência... Já agora, tens de ser enterrado no cemitério da freguezia.

A fisionomia severa do cadáver tinha qualquer coisa de rabujento e de impertinente. A dureza daquela expressão, cada sulco profundo daquele rosto tomava as proporções de intolerável censura. E os olhos embaciados, semi-abertos, pareciam dispostos a fulminar o Crespo com terríveis maldições.

— Quero ser enterrado no cemitério da minha terra, dizia claramente aquela mudez. Quero descançar á sombra do nosso campanario, ouvir os repiques festivos da nossa missa dominical...

Nada. Era preciso fazer-lhe a vontade.

E ao fim de longas locubrações, o Crespo teve finalmente uma idéa, como só poderia te-la um sobrinho engenhoso e inventivo nas suas condições.

Vestiria o tio Anastácio de ponto em branco, e levá-lo-ia até o apeadeiro com todos os cuidados de um enfermo de gravidade. Como tal, instalá-lo-ia a um canto de qualquer compartimento vazio e, com as mesmas precauções, fá-lo-ia sair na estação desejada. Se dessem pela coisa durante a viagem, far-se-ia de novas. Tinha morrido no caminho e pronto. Estava resolvido o assunto. E enquanto procedia, quasi alegremente, aos preparativos daquela sinistra farça, o Crespo esfregava, de quando em quando, as mãos de satisfeito.

O comboio ia partir.

Com seu fardo lúgubre nos braços, Crespo aproximou-se de uma carruagem de 2.ª classe e dispôs o tio Anastácio a um canto, com a cabeça encostada á janela na posição de quem repousa. O chefe do apeadeiro esperava, atencioso, o momento de fazer o sinal da partida.

— Ninguém foi capaz de lhe tirar esta da cabeça, explicou o revisor. Queria ir morrer á terra...

— Se lá chegar com vida, ainda está com sorte, comentou o chefe.

A viagem começou sob excelentes auspícios. Até então ninguém suspeitára que o comboio transportava um morto. E o Crespo, que precisamente estava de serviço, começou fazendo a revisão dos bilhetes, na intenção de voltar de quando em quando junto do tio Anastácio, não fosse surgir, entretanto, qualquer complicação.

Ora foi o caso que, numa estação intermedia, um viajante retardatario saltou precipitadamente para o compartimento

do velhote sem que o Crespo, num momento de distração, o tivesse notado. O homem dispoz as bagagens na rede, embrulhou as pernas num confortável *couvre-pieds*, sacou do bolso um jornal e começou a ler. Na sua frente, o corpo do tio Anastácio, estremecendo aos cortinuos solavancos do comboio, tinha a attitude indifferente de quem dorme. Em certa altura, o viajante ergueu es olhos e lembrou-se de que o velho podia deixar pas ar a estação de destino sem se apaar. Solicito, tocou lhe levemente na perna com a ponta dos dedos:

— Ó tiosinho...

O outro, é claro, continuou a dormir.

— Tiosinho! Para onde é que se destina?

É o velho, moita. O passageiro trovejou:

— Então não ouve? Para onde é o seu bilhete?

A alma do tio Anastácio pairava certamente já bem longe d'ali, porque não acudiu a animar aquela expressão com a sombra de um movimento.

— O raio do velho tem um sono de pedra, tornou o homem com impaciencia. Não há remedio: senão acordá-lo de outra fôrma.

E agarrando-lhe num braço, sacudiu-o com fôrça. O outro braço do cadáver, encostado ao peitoril da janela veio, solicitado pelo estremeção, desabar pesadamente sobre o rosto do passageiro, que soltou uma praga formidável.

— Pois você, que nem ao menos me agradeceu o eu querer-lhe evitar uma sensaboria, ainda por cima me dá um sôco?!

No auge da ira, com o rosto vermelho ainda pela enormidade do insulto, o viajante atirou-se sobre o morto, despediu-lhe razoavel soma de murros na testa e deu um salto para traz, em guarda contra possiveis represálias.

Faltando-lhe o apoio, o tio Anastácio estatelou-se no meio do compartimento, com um leve fio de sangue escorrendo-lhe da boca. O passageiro empalideceu.

— Querem ver...

E aproximou-se do corpo, cheio de presentimentos sinistros.

Tomou-lhe o pulso, desapertou-lhe atabalhoadamente o colete e a camisa, e colocou-lhe em frente dos labios um pequeno espelho de algebeira, que nem de leve embaciou.

— Está morto! rouquejou no auge do terror, com a pele de galinha e os cabelos eriçados. E olhou em tórno, com ar sombrio, como Caím depois do fratricidio.

O comboio voava. Não havia tempo para reflectir longamente. Tomado de subita resolução, o pobre viajante espreitou pela portinhola se algum poderia surpreender-lhe os movimentos. A noite estava escurissima. Seguidamente, abrindo de manso a porta da carruagem, empurrou para fóra o corpo do tio Anastácio, que lá ficou estendido na linha.

Dez minutos depois o comboio parava, e o Crespo veiu abrir a portinhola para levar o tio. O viajante acudiu logo de braços erguidos, num grande gesto desolado:

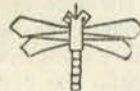
— O sr. revisor... que grande desgraça! que horrivel desgraça... Vinha aqui um sujeito a dormir, neste canto...

— Um velhinho?

— Esse mesmo. Tipo dos seus oitenta ou oitenta e cinco anos. Há coisa de um quarto de hora levantou-se... Aquilo foi tonteira de sono! Abriu imprudentemente a portinhola para satisfazer qualquer necessidade, e ainda me disse, quando o preveni do perigo: «Meta-se com a sua vida, meta-se com a sua vida...» Palavras não eram ditas, debruçou-se um pouco mais para fóra e zás! caiu á linha sem que eu tivesse tempo de acudir...

Imaginem a cara do Crespo, para eu não ter o trabalho de a descrever.

PLAUTUS.



APOTEOSE

Na eleição para o Directorio Democratico, o sr. Nunes Loureiro foi mais votado que o sr. Antonio Maria da Silva.

(Dos jornais.)

Exultae, portugueses! Finalmente
Um estadista apar'ceu!
Vem no cortejo ovante e reluzente,
Entre escudos da gente que o elegeu!...

C'roaram-lhe de loiro a ampla calva,
Cingiram lhe no tronco herculeo e nu
A toga alva
De pano cru!
Cavalga lhe á estribeira Antonio Dias
E Paiva custodia-o de arma em riste.

Tudo são flores, hinos, alegrias,
Sómente o Silva chora a alta traição
Dele o ter suplantado
Na votação.

A multidão, electrisada, aclama-o
E d'Alcantara o povo entusiasmado
De flanelas e méltones recama-o.
Olimpico, sereno como um Deus,
O côvado nos ares vai brandindo
Como quem diz adeus;
E as varinas, eroticas, sorrindo,
Depõem nas canastras
As fanecas, as lulas e as sardinhas,
Em soberbas colunas e pilastras,
Como arcos triunfais.

Tudo são flores, hinos, alegrias,
Sómente o Silva vai, ralado e aos ais
A repetir, em fundas agonias,
Todo o caminho inteiro:
— Os votos não me abarques,
Não açambarques
Oh! José Mendes
Nunes Loureiro.

Nunca deu provas, nunca foi ministro,
Mas inda um dia pôde vir a dá-las...
Quem sabe mesmo se esta apoteose
Não lhe abre as falas.

Chega o cortejo triunfal a Alcantara.
Embandeiram em arco as chaminés,
Caem fitas de nastro das janelas,
Fazendo bambinelas,
Até andar no chão aos pontapés.

A um gesto de Gaspar nada mais anda...
Para tudo em solene continencia;
E Baltazar com sua pera á banda
Dá largas á eloquencia:

— Este é o Zé Mendes
Nunes Loureiro,
Na grei dos Mendes
Sempre o primeiro.



Este é o Nunes,
O Maioral,
Que por ser *nunes*
Não tem igual.

Este é o Loureiro,
Propagandista.
Grande estadista
E quinquilheiro.

CARTA DE UM PROVINCIANO

Que veio assistir à apresentação do Governo

MEU CARO COMPADRE:

Assisti ontem, na Camara dos Deputados, à apresentação do governo do Antonio Maria. Não sei para que foi aquilo, porque ficou tudo na mesma. Em todo o caso havemos de pensar em arranjar ahí, na Junta da freguezia, uma coisa semelhante, para se poder dizer dos nacionalistas tudo quanto nos apetezer, mesmo nas bochechas deles. Diz-se tudo, e ninguém se zanga. Estes d'aqui até apertam a mão no fim e dão palmadinhas nas costas, como eu costumava fazer à Miquelina que Deus tenha. Mas, meu caro compadre, sempre lhe quero contar como aquilo foi. E' bonito. São tudo pessoas de posição, gente fina, exceto o Carlos de Vasconcelos que é mais largo que quatro



dos outros. A não ser um que se chama Francisco da Cruz, ninguém fala grosso. São tudo falinhas mansas e tratam-se por ilustres uns aos outros, como se fossem bons amigos.

O compadre sabe a rixa que ha entre o Antonio Maria e o José Domingues. Pois o Antonio Maria tratava por ilustre o outro que o queria botar abaixo. Ai! compadre, que grandes pandegos!... Não sei se aquilo é tudo a fingir mas se é, fazem muito bem o seu papel, porque dizem coisas dos diabos uns aos outros. Mas vou-lhe contar.

Primeiro entraram os ministros todos em bicha, atraz uns dos outros, com o Antonio Maria á frente, e por ordem de pastas, parece que para evitar atropelamentos. Era como ahí na bicha do assucar, á porta da tenda do Zé Limão. Depois o Antonio Maria puxou dum papel e leu umas coisas de que eles não gostaram, porque foi tudo a dizer que aquilo era uma porcaria. Eu cá não sei se era nem se não, porque não entendo daquelas historias, mas parece que houve mais alguém que também não entendeu, porque desataram todos a fazer perguntas á que o Antonio Maria não respondeu nada. Se calhar é mesmo assim: o presidente não liga nenhuma ás perguntas dos deputados, que é para parecer presidente, senão era tal qual comó os outros. O que tem graça é que ele, enquanto fala, põe-se a puchar umas coisas quaisquer dos pelos das barbas, que a principio até julgava que era do nariz, e depois alimpa os dedos a um papelinho que tem em cima da carteira e está sempre a mudar dum lado para o outro. Naturalmente era também assim que fazia o Zé Esteves, que está cá em baixo á porta da rua, com cara de quem já não entra naquelas casas. Em seguida o Rodrigues Gaspar que parecia um vapor dos grandes a apitar, fez um discurso, explicando quem eram os ministros, mas parece-me que foi tempo perdido, porque os outros que falaram depois ainda sabiam mais coisas da vida deles do que o Gaspar. Assim, por exemplo, um a que chamavam Sá Pereira disse que o das finanças tinha outros empregos lá fora e que o dos estrangeiros queria aumentar as notas do Banco de Portugal e disse aquilo tão zangado que até parecia que o homem as queria diminuir. Isto aqui é tudo diferente. Se ahí na Junta houvesse um membro que fosse capaz de aumentar o dinheiro, até se lhe fazia uma estatua, mas não

havia de ser como uma que eu aqui vi na Camara Municipal, que eu não sei de quem é, mas que, pelos modos, também deve ser dalgum membro. Falou também o tal Cunha Leal e foi esse que mais me encheu as medidas. Aquilo é que é falar. Fala quasi tão bem como o sr. dr. Afonso Costa. Disse que era amigo do Governo, que devia favores ao Antonio Maria, mas que não lhe dava o seu voto, que havia de votar emparceirado com o Zé Domingues, de quem é inimigo. Ora vão lá entender uma coisa destas. Depois um que é o general Sá Cardoso, poz se a dizer mal do Governo de tal maneira que, se calhar, também devia favores ao Antonio Maria. Se alguém me tivesse dito metade a mim, quando fui regedor da freguezia, eu rachava-o de meio a meio. Aqui ficaram-se a rir. Dizem que é assim a politica.

O Zé Domingues é que não é tão mau como a gente julgava. Fala muito mansinho e compassado, não disse mal nenhum de Deus Nosso Senhor, mas atirou cada bisca ao Antonio Maria que até o Custodio de Paiva empalideceu por detraz dos bigodes. Depois, em nome dos catolicos, falou um sujeito com o cabelo pintado de branco e com a cara ainda por acabar, que fez uma especie de sermão muito bonito. Se tivesse um bocado de latim que não se entendesse, como o Antonio Maria quando fala mesmo em português, então é que havia de ser lindo.

O tal Carvalho da Silva, de quem fala tanto o sr. Prior, também fez um discurso, mas não ouvi quasi nada, porque toda a gente se poz a conversar em voz tão alta, que eu nem sei para que ele esteve a perder o seu tempo.



Em seguida o Antonio Maria também botou uma fala a dizer que o chamavam com fuso, coisa que eu não sei como é que se faz. Lá na provincia a unica coisa que se faz com o fuso é fiar, mas aqui parece que os outros não se fiam muito nele. Só se é por isso. Quem não falou, nem sequer sobre a carestia da vida foi o Tavares de Carvalho, naturalmente porque já está tudo mais barato. E no fim de tudo, um sujeito de barbicha na ponta do queixo e com uma falinha de menino do côro, poz-se a chamar um por um todos os deputados, mas imagine o compadre que os outros eram tão inteligentes que falaram sempre de côr e só este da barbicha, empoleirado lá em cima ao pé das luzes, nem os nomes dos colegas sabia dizer, sem lêr num caderno muito grande. Para fazer um papel daqueles também eu podia ser deputado. Finalmente disseram que o Governo tinha ganho por um voto e ficaram todos muito admirados de ganhar por tão pouco. Só quando eu perdi a sorte grande do Natal, também por um, todos vocês acharam muito natural e quiseram convencer-me de que, por um ou por mil, era a mesma coisa.

O Antonio Maria que também é da opinião de vocês, segundo parece, ficou muito contente e agradeceu aquele voto, como se lhe tivesse saído a taluda. Vão lá entendê-los. Adeus compadre. Saudades para todos do seu compadre e amigo.

José Palonso.

A REVOLUÇÃO NA CHINA



ou as manobras dos *soviets* . . . para inglês vê! . . .